

Gravação: 2120381

Duração do Áudio: 00:25:39

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Luiz Paixão
Orador B	Não Identificado
Orador C	Não Identificado
Orador D	Renata Rosa

Orador A: Eu sou... meu nome chama [Luiz Alves Ferreira]. É... conhecido por Luiz Paixão, [inint] [00:02:24] Luiz Paixão. É... meu nascimento... eu moro na cidade de Condado, mas eu nasci no município de Aliança, Engenho, chamado Engenho Palmeira, que é ali do lado. É o meu... o meu conhecimento.

Orador B: Onde é que a gente tá?

Orador A: A gente 'tamo na cidade de Condado, é... na rua [inint] [00:03:15] Dourado. É... é... fundado em Pernambuco. É. Eu moro aqui nessa cidade junto com essa turma aqui, tão tudo legal. São tudo meu vizinho, me conhecem muito bem. Eu [inint] [00:03:36] tem uma tranquilidade. E tô muito feliz de morando aqui nessa cidade de Condado.

Orador B: É grande a cidade?

Orador A: É mediazinha. Mediazinha. Eu nem saber direito quantos habitantes tem. Eu sabia, mas passou da parada, não vou dizer errado, certo? Tá bom? Eu não vou dizer errado. Vou dizer a quantidade. É uma quantidade boa, não é tão pouco demais, também tá crescendo muito mais essa cidade. Que essa turma é maravilhosa, entendeu? Então é aqui nesse barril que eu moro aqui. [inint] [00:04:19].

Orador B: E a cidade tá crescendo, não tá?

Orador A: A cidade tá crescendo, tá ficando maravilhosa, tá todo mundo fazendo casa. E tá crescendo e vai ficar muito [grande o Condado]. A minha história com a rebeca é bem longa. Não posso me lembrar de tudo que foi, é... já faz muito tempo, né? Mas vou começar um... do que eu me lembrar. É... a [inint] [00:05:16] eu [pus] um filho de uma família [inint] [00:05:22]. Meus avôs tocavam a rebeca. Eles tinham dois, três filhos que tocavam. E eu nasci no meio da [inint] [00:05:31]. E hoje eu... aí eu aprendi, achava a remeça muito bonita, era um instrumento bonito quando eu era pequeno. E, então, eu comecei a pegar na rebeca escondido do meu tio, que a rebeca era deles. Comecei a pegar escondido deles. E fazer uma coisa que o que eu fazia eu botava no ouvido, botava na cabeça e ficava. Aí quando eu pegava [inint] [00:06:00] fazer? Inté que um certo dia eu falei pra um tio meu que eu sabia tocar rebeca. Aí ele me perguntou, me disse assim, “quem foi que lhe ensinou?” Eu disse, “quem ensinou? E eu não vi o senhor tocando? O meu avô? Não vejo todo mundo tocando?” Aí eu aprendi a tocar, só tinha... fazia somente duas posição no forrozinho que tem. Aí esse chorão começava assim, ó. Aí quando eu comecei [inint] [00:06:28]. Eu mostrei pra eles, assim, que eu só fazia isso quando eu comecei. Quando eu mostrei pra ele. Eu disse pra ele que eu sabia tocar rebeca, né? Aí [inint] [00:06:50] o forró certinho que é... que é [inint] [00:06:53] outra coisa. Aí todo dia eu saía, pegava aquele... o que tava na cabeça, o som, e... começa trinando e tal. Aí quando... não aprendi tocar mais que [inint] [00:07:30] rebeca, né? O pessoal tirar essa onda, tá me chamando de [inint] [00:07:34]. Mas que, graças a Deus, tô satisfeito, né? Inté hoje, vamos dizer, inté minha vida... ainda... graças a Deus, ainda é com ela, né? É com meu... que eu não sou aposentado ainda. E meu custo de vida é com ela. A minha vida, o meu nascimento inté chegar esse momento de... de... eu ter cinquenta e... cinquenta e dois anos, cinquenta anos, [por aí], cortando cana, limpando mato. [Enchendo] caminhão, [inint] [00:09:34]. É isso. A minha... a minha [inint] [00:09:40] e foi de... de... de dois mil pra cá, né? Aonde eu vivia cortando cana e limpando mato e [inint] [00:10:00], quando eu cantava, nunca imaginava chegar nesse ponto, de chegar nesse lugar. Eu não chegava, não imaginava chegar nem em Recife. Eu nem imaginava chegar no Recife. Que a gente imagina isso, que nasce, se cria ali, lá... lá naquela [pesada], que nunca tinha... num tinha [inint] [00:10:22], tá? É total, que nem [inint] [00:10:25] aprendi. Não aprendi ler. Eu faço meu nome por causa do... vou no... [inint] [00:10:29] documento cego. Que não... trabalhava direto também, nem tinha tempo.

Orador B: E quando...

Orador A: O que mais aprendi foi mais é beber cachaça.

Orador C: O cavalo marinho é uma manifestação popular de rua, de guerreiro, espaços abertos. É uma variante do Bumba-Meu-Boi. E é um espetáculo que dura, em média, entre oito até dez horas. Já teve cavalo marinho de... de... de aturar doze horas. Ele é dividido em três momentos: o momento das figuras, né? Que são as personagens... tem personagens humanos, tem personagens fantásticos, né? E tem a turma da dança que são chamados de galantes. E tem o [inint] [00:11:41] que são os músicos. Então, o cavalo marinho é dividido nessas três... nesses três, vamos dizer, momentos. E que é um enredo que é improvisado e que se distribui na entrada e na saída desses... desses personagens durante esse espetáculo. É um espetáculo cênico. Muito acredito que o cavalo marinho venha do... do Reizado, que é uma dança ibérica, né? Tanto portuguesa como espanhola. Mas muitos, como eu também acredito, ela tenha vinda do teatro, do Boi que já é também uma variante do Reizado. Entendeu? Com as cavalhadas, o Boi, a cavalhada. Vem dessa... da ideia da... da manifestação do culto ao boi. Que tem na Espanha, que tem na Itália, que tem também na [inint] [00:12:51]. Então... e... e... em Portugal. Acredito que seja a partir daí. E que o... o instrumento rabeca, na verdade, era um violino. A rabeca é muito antiga, ela vem da Índia, vai da China, da China pega a África, da África vai para o resto da Europa.

Orador A: O cavalo marinho, como eu tocava com Humberto Batista, eu e os cavalos marinhos que já não existe mais, que acabou, o [inint] [00:14:43] morreu, foi embora, tal, e acabou. Mas eu toquei quase todos os cavalos marinhos dentro de... aqui em Recife, Pernambuco aqui, na Zona da Mata. Todo ele. E pra... pra eu, como nasci... nasci me criei no [Cananau], na cana, né? Era muita coisa. Muita coisa. Era muita coisa. Quando a pessoa nasce no... no... numa cidade, capital, já [inint] [00:15:25] fazendo as coisas, já vai querendo fazer o... e já começa... aí é diferente. Porque... por qualquer besteirinha de [inint] [00:15:35], mas eu nasci da cidade, já sei. Eu não vou... isso aí, pra mim, não é nada. Mas pra quem nasce no interior, na... na cana, como eu nasci... eu nasci do outro lado. É... [inint] [00:15:48] se cresceu. Quando eu saí [inint] [00:15:51] que eu nasci, eu já tava com vinte e cinco anos de idade. Veja. Vinte e cinco anos de idade não dá. Aí passou outro tempão, aí trabalhando [inint] [00:15:59]. Rodando, rodando, pra depois chegar num lugar desses, né? Que nem os Estados Unidos, que nem a França, né? Aí [tava pensando] muita coisa.

Orador D: A gente vai fazer uma música aqui, eu e o seu Luiz, em homenagem a Ana Maria e [Bill Rock]. Minha relação com seu Luiz é... bom, o seu Luiz é um grande amigo. A gente costuma dizer que a gente é irmão, [inint] [00:16:58] que ele é meu irmão, meu pai, meu filho. A gente vai fazer um festival, é... numa ilha, uma ilha de maré, na Bretanha, chamada [inint] [00:18:37], que é uma ilha, é... uma das maiores marés do mundo, né? As pessoas chegam nessa ilha no festival, é... quando a maré tá baixa e tem horas certa pro show acabar senão o público não volta, fica todo mundo preso na ilha que a maré sobe. E aí ficou combinado que a gente ia dormir na ilha, o público ia voltar e os músicos iam ficar. E tinha uma quadrilha de... da República Dominicana. E eram vários seu Luiz Paixão, mesmo biótipo que seu Luiz. Baixinho. Mesmo, mesmo corpo, mesma fisionomia. E os caras começaram

falar [inint] [00:19:26] com o seu Luiz e não tinha como o senhor Luiz falar que ele não era da República Dominicana. Todo mundo falando. E seu Luiz já tinha tomado umas e ele falou, “agora vou enrolar”.

Orador A: Não sei nem falar português direito, não sei nem falar... não sei. Mas eu inventava [inint] [00:19:45] lá, eu fazia a resenha. Eu cortei muito isso. Tanto cordando...

Orador E: Nossa, seu Luiz, tá com saudades, é?

Orador A: Eu não. Eu cortei muito essa coisinha. Cortei ela muito. Cortei e... eu cortei tanto ela, eu cortei ela cortando com um facão, cortei a minha cabeça. Ô, [inint] [00:20:23].

Orador B: Não tem saudade quando vem aqui, não?

Orador A: Hã?

Orador B: Não tem saudade, não?

Orador A: Não, não tenho nada. Eu quero [inint] [00:20:32]. De jeito nenhum. Não, de jeito nenhum. A gente... a gente também tem saudade de uma coisa que quando nunca vem. Mas fazendo o que [inint] [00:20:45] muito, aí não tenho vontade mais, não. Aqui mesmo tenho vontade [inint] [00:20:50] nunca ter trabalhado nisso mais, não. Aqui... aqui muita gente [vê muita cultura]. Tem muita... tem... tem gente da cultural. Veve, é... desliga o [inint] [00:21:29]. Tem muito que faz o [inint] [00:21:33] pra sobreviver. Muitos trabalham no campo, é...

Orador B: Mas com o quê?

Orador A: Com a cana, cortando cana, limpando mato, muito nesse nosso [inint] [00:21:45] que nós tamo aqui. Mas muito veve... tem aposentado. Entendeu? Aí cada caso tem um [inint] [00:21:55], certo? É, como eu mesmo moro aqui, aí eu...

Orador B: Aqui é tranquilo a rua?

Orador A: É tranquilo, é tranquilo. Ah, se eu não tivesse... se eu não tivesse, por exemplo, tocado rabeca eu queria ser um sanfoneiro. Tocar sanfona. Acordeão. Como [inint] [00:22:17] eu tenho uma, né? [inint] [00:22:19], mas depois de veio, não trabalho com isso, não. [inint] [00:22:23]. É.

Orador B: Quando o senhor chegava no céu... que o senhor vai pro céu, né?

Orador A: Eu vou, se Deus quiser.

Orador B: Quando o senhor chegar no céu...

Orador A: E ele vai querer.

Orador B: E o pessoal lá em cima perguntar como é que era a vida aqui na terra, o quê que o

senhor vai contar?

Orador A: Eu digo, eu passei por um momento ruim e de bom. É, eu passei por um momento ruim e de bom. [inint] [00:22:51] eu passei por um momento de ruim e um momento de bom. Por que você passou por [inint] [00:22:58]? Por que você passou ruim? Porque eu [cambitava] cana, levei muita porrada. E cortava cana, cortei a minha mão todinha. De [inint] [00:23:07]. E... e um outro momento de bom? Eu digo por que eu andei num mundo tocando rabeça, [inint] [00:23:19] muitos cantos, tanto no Brasil quanto nos interior. Então, eu me sentia... achava bom. Era o que eu tinha essa onda pra falar, é isso. E [inint] [00:23:30], bom, melhor do que eu tô aqui pra acabar por cima, né? É rezar, tocar rezando. Eita, [inint] [00:23:41].

Orador B: Quando o senhor chegar lá, vai querer tocar o quê?

Orador A: Eita, eu vou tocar o Padre Nosso, porque lá ninguém toca forró. É.

Orador B: Ah, toca sim, porque lá já tem Luiz Gonzaga, Dominginhos.

Orador A: Será que tão tocando lá?

...

Fim da Transcrição 00:25:39